

SÉRIE ANTROPOLOGIA

288

O MAL-ESTAR NA GLOBALIZAÇÃO
Aleksandar Boskovic

Brasília
2000

O Mal-Estar na Globalização

Aleksandar Boskovic

A mão escondido do mercado nunca trabalhará sem um pulso escondido — McDonald's não pode crescer sem McDonnell Douglas, o construtor do F-15. E o punho invisível que mantém o mundo livre da tecnologia da Silicon Valley, é o exército dos Estados Unidos, a Força Aérea, a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais.

(Thomas L. Friedman, "A Manifesto for the Fast World", *Revista The New York Times*, 28 de março de 1999— citado em Kroker e Kroker, 1999)

Pela primeira vez na história, existe uma política-econômica globalmente dominante, o capitalismo. Sob este regime, os indivíduos de vários grupos e classes sociais terão que se reconfigurar para que possam atuar com mais eficácia sob os imperativos (obsessivamente) racionais do "pan-capitalismo" (produção de consumo e ordem).

(Critical Art Ensemble 1996)

"Mas eu não quero andar com loucos", observou Alice.

"Oh, você não tem como evitar", disse o Gato, "somos todos loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca".

"Como é que sabe que eu sou louca?", disse Alice.

"Você deve ser", disse o Gato, "senão não teria vindo pra cá."

(Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, 1865)

Prefácio/ Advertência

Apesar de mencionar alguns termos usados ou estudados por antropólogos, e apesar de ter sido apresentado de várias formas para públicos de antropólogos, este não é um artigo antropológico. (Embora, acredito, que se fossemos generalizar um pouco, ele poderia ser visto como uma defesa de uma antropologia da tecnologia). Ao mesmo tempo, espero que este artigo enfatize alguns assuntos de interesse de antropólogos, com também de outras pessoas preocupadas em entender o mundo em que vivemos. Não tenho nenhuma afirmação excepcional sobre o futuro da antropologia no terceiro milênio, e creio que as previsões sobre a dissolução da antropologia são um pouco prematuras. Penso que há espaço para vários aspectos da disciplina — desde as bem intencionadas, antiquadas pesquisas etnográficas, até as abordagens mais teóricas que se misturam com outras disciplinas acadêmicas. Ao mesmo tempo, quando mostro alguns aspectos da *globalização* e dos processos globais, acho que estamos em um bom momento para estudar diferentes comunidades específicas— embora, seria útil compreender muitos aspectos de suas existências que estão intrinsecamente relacionadas a processos gerais. O importante é que existe algumas novidades no horizonte — particularmente quando se trata da nova mídia digital — que precisa ser levada em consideração. Minha tese principal é que os assuntos associados à globalização tem seu próprio preço — que depende do que a pessoa espera da sua cultura e da sua posição dentro dela, assim como alguns aspectos da nova revolução digital.

Introdução: Conseqüências da Globalização

O fantasma de globalização está assombrando o nosso mundo. Quando me refiro a “nós”, quero dizer todos os interessados em compreender os processos que estão afetando o mundo em que vivemos. Isto não se relaciona, necessariamente, ao cidadão dos países mais desenvolvidos (ou Ocidentais) — uma das coisas que quero ressaltar é que os movimentos atuais em prol da globalização são supranacionais e estão longe de serem uma questão de escolha pessoal. Todos somos membros de um mundo globalizado — queiramos ou não. O mundo está se tornando cada dia mais global e algumas tendências são mais óbvias que outras. Como o filósofo francês Jean-François Lyotard observou há algum tempo atrás:

O ecletismo é o grau zero da cultura contemporânea geral: a pessoa escuta um reggae, assiste a um western, almoça um sanduíche do Mc'Donald's e janta uma comida típica de sua região, usa um perfume de Paris em Tóquio e roupas “retrô” em Hong Kong: o conhecimento é uma questão de jogos de televisão. (Lyotard 1983:76)

É claro que se alguém chama esta tendência de “ecletismo” ou de alguma outra coisa não nos importa agora — o que realmente importa são as conseqüências que estão se tornando mais aparentes. Estas não estão relacionadas somente às tendências do consumidor (como enfatizou Lyotard, por exemplo) — mas também aos assuntos relacionados à própria noção de identidade. É possível falar (ou até mesmo pensar) sobre identidades particulares em um mundo globalizado?

Esta pergunta é mais complicada em culturas multi-étnicas, multiculturais e multilíngues. Deixando de lado, por um momento, a questão do multiculturalismo,

gostaria de tratar da construção de uma identidade nacional em uma sociedade específica (particular) — a Inglaterra. O que significa ser Britânico? Há alguns anos atrás, perguntei para meus alunos do segundo ano de antropologia social da Universidade de St. Andrews sobre suas identidades étnicas. Queria saber se eles tinham o conhecimento dessa identidade. Para minha surpresa, recebi dois tipos de resposta. — que dependeu do passado étnico dos meus alunos. A maioria dos meus alunos escoceses se identificou como “Escocês”, enquanto a maioria dos ingleses se identificou como “Britânico”. “A Grã-Bretanha termina em Newcastle”, foi uma observação típica de um aluno escocês. É claro que o nacionalismo escocês é tão antigo quanto o Ato de União (1º de maio de 1707), mas isso realmente não importa aqui. É muito mais interessante observar porque os membros de um grupo étnico em particular estão mais dispostos a identificar-se como membros de um todo maior. Atualmente, não existe uma discriminação clara baseada em origens étnicas ou sociais no reino Unido, cuja sociedade é baseada em diferentes etnias que constituem o país. Na realidade, alguns dos cargos mais poderosos do Governo Britânico são preenchidos por Escoceses (Tesouro, Defesa) — e parece que ser Escocês é algo positivo no mundo moderno da política Britânica. Porém, meus alunos estavam afirmando uma identidade diferente, e particular, quando defendiam o direito de serem diferentes. Esta diferença também foi significativa para estabelecer simbolicamente suas próprias identidades — sendo o ponto principal a referência deles a uma força dominante dentro da sociedade. É um fato bem conhecido que em sociedades multi-étnicas (e na Europa isso significa todas elas), o nacionalismo do grupo dominante é raramente (ou nunca) posto em aberto — normalmente está “lá”, incorporado na maneira como as pessoas falam, agem ou se comportam. Assim, certas características culturais do grupo dominante não são identificadas como traços diferentes, mas como modelos de um comportamento formal puro e simples. Já que o nacionalismo Inglês tornou-se dominante dentro do Reino Unido (e para a presente discussão, é irrelevante saber se este domínio foi real ou simbólico), não foi preciso que eles se reafirmasse. Por outro lado, outros nacionalismos (Irlandês, Escocês, Galês) se afirmam principalmente em relação ao que classificam como “*Inglêsidade*”¹.

As coisas ficam mais complicadas quando colocadas em um contexto mais amplo do processo de integração da Europa Ocidental. Muitos escoceses prefeririam ser independentes, mas fazendo parte da EU ou de alguma de suas associações. Isto parece bastante contraditório: por que uma nação reivindicaria uma porção própria de soberania a um estado nacional para então delegá-la a uma entidade supranacional? Por que reivindicar algo para depois desistir? Por outro lado, ao longo dos anos noventa, a maioria dos Ingleses expressou restrições séria sobre alguns processos da integração europeia — especialmente quando o assunto era a política monetária comum. Parece que sentiam que já tinham sua própria soberania — e não viam nenhuma justificativa para delegá-la a uma entidade maior. Claro que qualquer discussão sobre uma identidade nacional e injustiças percebidas (no passado e no presente) pressupõe uma certa medida de incerteza e medo. Pessoas auto-confiantes não buscam refugiar-se em categorias míticas como nação, história ou tradição. Elas não precisam fugir para o mundo mítico da tradição imaginada oferecida pelo nacionalismo.

¹ Ladislav Holy argumenta da mesma maneira sobre o nacionalismo Tcheco em seu livro *The Little Czech and the Great Czech Nation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), e o mesmo poderia ser dito sobre os Sérvios na antiga Iugoslávia.

A razão desta insegurança deveria ser sentida como uma das conseqüências mais aparentes de globalização. Os sociólogos canadenses Arthur e Marylouise Kroker mencionam a estratégia de “abrigar” e “emburrecer”.

Nas palavras do teórico francês Ignácio Ramonet (1995):

Nas democracias de hoje, um número crescente de cidadãos livres se sentem atolados ou colados a algum tipo de dogma pegajoso que está em um processo sub-reptício de engolfar qualquer modo diferente de pensamento, inibindo-o, perturbando-o, paralisando-o e, por fim, esmagando-o.

Ameaçados pelos desenvolvimentos que vão além do poder de compreensão (e, em alguns casos, até mesmo além do poder de suas imaginações), muitas pessoas escolhem retirar-se a seus pequenos abrigos, levando suas vidas o mais simples e corretamente possível, por isso se isolam das influências potencialmente perigosas do mundo exterior. Isto também conduz a várias formas de racismo e xenofobia — já que qualquer forma de alteridade (especialmente outra raça ou cultura) é vista como perigosa. (Incidentes raciais e xenofóbicos acontecem freqüentemente nas áreas mais pobres de projetos residenciais, este não é somente o caso da Inglaterra mas também de outros países da Europa Ocidental). Este sentimento de ameaça é explorado cuidadosamente por outro segmento novo da sociedade, *moguls* da nova era digital, o que Krokers chamam de uma “classe virtual”.

Esta classe virtual é uma conseqüência direta da nova revolução digital, e a sua característica mais predominante é o domínio do “ego predatório” — um tipo de capitalismo desumano que busca maximizar o lucro enquanto minimiza os custos — apesar do preço social ou político. Da mesma forma que a revolução industrial, há um século atrás, a revolução digital criou esperanças e prometeu uma sociedade melhor para todos. “Nos disseram que, com a tecnologia, as máquinas fariam a maior parte do trabalho, a produção seria aumentada (o que conduziria a um devido aumento do lucro). Com isso as pessoas teriam mais tempo livre (ou “tempo de qualidade”)”. Claro que as coisas não se revelaram deste modo. As pessoas que defendiam novas tecnologias esqueceram de mencionar a perda de empregos (e a perda de rendimentos). De fato, alguns dos países desenvolvidos que abraçam completamente as novas tecnologias digitais foram os primeiros a sentirem as conseqüências não desejadas do aumento da taxa de desemprego. Ao mesmo tempo, as pessoas devem lembrar que:

No início do século XIX, a difusão das novas tecnologias industriais não libertou os escravos, pelo contrário, a invenção dos anúncios sobre a descaroçadeira de algodão e de máquinas de fiação mecânica, na verdade, reforçaram o instinto arcaico e brutal da escravidão no Velho Sul.

(Barbrook 1995)

Em síntese, a sensação de “estar sendo ameaçado” é um sentimento típico de quem está perdendo a identidade. Um Inglês teme perder um pouco dos valores intrínsecos relacionados a sua identidade se ceder à “Europa”. O fato de que o Reino Unido é, na verdade, parte da Europa (mesmo os eurocéticos querendo ou não) aparece como surpresa.

Um Mundo em Mudança

Nosso mundo está sendo constantemente remodelado através, e pela tecnologia. Como Ramonet observou em seu artigo no *Le Monde Diplomatique*, em outubro de 1997, foram necessários dez dias para a Revolução Russa Bolchevique parar a máquina compressora do mundo capitalista em 1917. Esta foi a primeira “grande mutação” (como Ramonet a chama) do nosso século. Outra “mutação” aconteceu nos anos 80, com o advento das novas tecnologias digitais e a dissolução do comunismo. Esta série de mudanças radicais (“a Segunda Revolução Capitalista”, como disse Ramonet) ocorreu simultaneamente em três domínios diferentes.

O primeiro domínio é a tecnologia, com o processo de informatização de todas as áreas da vida. Isto também inclui uma passagem para a transmissão numérica (de sons, textos e imagens), assim como a expansão de informação envolve trabalho, educação, lazer, etc.

O segundo domínio é o econômico, já que as novas tecnologias favorecem a expansão da esfera financeira. Eles estimulam atividades que destacam quatro qualidades: elas precisam ser planetárias, permanentes, imediatas e imateriais. O “*Big Bang*” dos mercados financeiros e da desregularização ocorreu durante os anos oitenta, quando a Sra. Thatcher e o Sr. Reagan impulsionaram a globalização da economia. Esta globalização é o mecanismo dinâmico mais importante do nosso século e nenhum país pode escapar disto. Basta considerar simplesmente todos os apelos a um “comércio livre”, e coisas do gênero — a suposição básica que todos os países são igualmente capazes de competir e, até mesmo, ganhar na corrida econômica global.

O terceiro domínio é o sociológico. Alguns conceitos de representação política de poder foram destruídos — especialmente os que forma estruturados hierarquicamente, verticalmente e de um modo autoritário. Estes conceitos estão cedendo gradualmente às representações de poder estruturadas horizontalmente e consensualmente (com toda a manipulação dos meios de comunicação de massas). Algumas das prerrogativas tradicionalmente designadas às nações-estados também estão sob tensão — especialmente quando se trata de garantir sua própria soberania à organizações supranacionais ou instituições como a EU ou a ONU. (É interessante observar que as instituições financeiras globais não tiveram que fazer muitas “quedas de braço” para obter alguma soberania dos sócio-estados.)

Mudanças globais estão afetando culturas particulares, sociedades e vidas de indivíduos ao mesmo tempo. Isto dá uma nova luz à relação entre o universal e o particular. É paradoxal o fato de que ao mesmo tempo que o mundo está sendo, cada vez mais, envolvido nos processos de globalização, culturas particulares e identidades que também buscam modos para se expressar. Todas estas mudanças estão relacionadas às novas tecnologias de comunicação — comunicação é a principal superstição do mundo contemporâneo, e de certo modo, pelo menos uma coisa essa superstição prometeu: que tudo poderia ser regulado, se algo fosse comunicado, isso teria um controle racional. Claro que as coisas não aconteceram desse modo — uma explosão de identidades particulares no início dos anos 90 ameaçou levar a Europa ao caos (do ponto de vista de seus principais políticos). Os nacionalismos locais começaram a reivindicar seu lugar na plenitude dos processos de integração e nas tentativas de regular o comércio, a economia e o investimento mundial. Além da insegurança que surge das incertezas relacionadas à suas próprias identidades particulares (local, nacional), esta tendência também deveria ser vista levando em conta o discurso que pregou o mercado livre como evangelho.

Livre do quê ou para quê? A remota idéia de que um país em desenvolvimento poderia competir em um plano global com países mais

desenvolvidos (como o Grupo dos 7) parece um pouco estranho. As economias de países da União Européia e os EUA ainda são reguladas de maneira muito central — especialmente quando se trata de suas políticas agrícolas. Esta é somente uma das razões porque o evangelho do mercado livre nunca convence os povos às margens do mundo desenvolvido — e misturá-las em um todo global e pan-nacional. É muito tarde para isso, apesar desse medo poder ser compreendido no nível emocional. Como Talal Asad comentou em 1979, o que realmente importa hoje (e eu acrescentaria, hoje ainda mais do que quando ele escreveu o seu artigo) é o movimento do capital global. (Krokers chamam este novo sistema econômico de pan-capitalismo). O que acontece em uma cultura particular ou sociedade é importante, principalmente no nível particular. As mudanças dentro de sociedades particulares são efetuadas através do comportamento de corporações multinacionais globais. Parece que é o dinheiro que faz o mundo girar.

Multiculturalismo e Globalização

Isto nos remete à outra noção que está se tornando mais popular — o multiculturalismo. O multiculturalismo não é algo novo, mas na situação onde as pessoas se sentem ameaçadas, elas podem transformar facilmente seu medo em raiva ou ira, e canalizar estes sentimentos contra qualquer coisa ou qualquer pessoa que são diferentes. Membros de raças ou culturas diferentes são os alvos mais óbvios, e o recente aumento do racismo e ataques xenofóbicos às minorias ou refugiados ao longo da Europa Ocidental pode ser facilmente correlacionado ao aumento da insegurança social e financeira, com também, para o advento de novas tecnologias. Esse é o motivo pelo qual o multiculturalismo é visto como uma ameaça por representantes de vários partidos e organizações ultra-nacionalistas, neofascistas ou de extrema direita. A idéia é que a multiplicidade de outras culturas ou tradições conduziria “nossa” cultura ou tradição ao esquecimento. O medo é tão grande, que as pessoas encaram qualquer comparação entre a sua cultura com qualquer outra como um risco em potencial para a sua tradição, sociedade, história etc. Em formas mais benignas deste tipo de crítica, políticos nacionais (aqueles que acreditam que só se pode falar de e para um ponto de vista em particular) advertem sobre o perigo de permitir que culturas diferentes tenham o direito de reafirmarem-se — eles usam o exemplo da antiga Iugoslávia como uma amostra do que acontece se o multiculturalismo for livremente permitido.

Por outro lado, o multiculturalismo também é visto como uma ameaça por alguns liberais e teóricos de esquerda. Por exemplo, Peter Lamborn Wilson é bastante claro: “Que não haja dúvida alguma: o multiculturalismo é uma estratégia projetada para salvar a “América” como uma idéia e como um sistema de controle social. Cada uma das várias culturas que compõem a nação, possuem, agora a permissão de ter uma pequena medida de auto-identidade e alguns simulacros de autonomia.” Tudo isso não passa apenas de uma conspiração elaborada, projetada para dispersar a atenção de coisas mais sérias — já que várias culturas só podem existir à periferia de civilizações projetadas centralmente. (Esta Civilização é entendida aqui como sendo a cultura dominante de uma nação ou de uma sociedade. Obviamente, esta suposição pressupõe a crença que tal cultura pode existir.) “O multiculturalismo deve ser destruído !”, conclui Wilson.

Outro tipo de crítica esquerdista é empregado pelo filósofo, crítico cultural e ideologista esloveno Slavoj Zizek. A crítica é particularmente interessante pela sua

grande influência nos círculos acadêmicos Britânicos e Americanos (ele é um dos editores da Editora Verso). A ideia Ocidental de multiculturalismo é, de acordo com Zizek, intrinsecamente eurocêntrica e, até mesmo racista, já que postula uma perspectiva (Ocidental) única para todas as outras culturas. A diversidade é vista por “nossos” olhos e a “nossa” perspectiva também é uma diversidade que se ajusta as “nossas próprias” necessidades e interesses. Os outros são vistos principalmente como os meios para alcançar os fins desejados. Zizek vê o multiculturalismo como a ferramenta mais importante das corporações multinacionais globais. No mundo contemporâneo, os cidadãos de todos os países são vistos como consumidores; não interessando se a pessoa é Holandesa, Brasileira, Malaviana, Tcheca, Afegã, Chinesa, Britânica ou Americana — o capital multinacional não se preocupa com isso. E pior ainda, vê até mesmo os cidadãos de seus países de origem (países nos quais estas corporações se originam) da mesma maneira que qualquer outro cidadão de qualquer outro país. A fronteira entre o “Primeiro Mundo” e o “Terceiro Mundo” foi apagada — tudo o que existe é o reino do capital global. Tudo o que interessa a este capital é o lucro máximo a custos mínimos — e realmente não importa de onde vem o dinheiro ou a mão-de-obra barata, contanto que a margem de lucro seja aceitável. Nessa situação, o multiculturalismo se apresenta como uma estratégia interessante: sim, nós gostamos, desfrutamos e respeitamos suas culturas, diz o capital internacional. O que permanece sem sentido é que o capital internacional só se preocupa, na verdade, com explorações. Ou, em termos mais simples: lucro máximo a custo mínimo.

Eu entendo o “multiculturalismo” no seu sentido mais literal — que significa uma multiplicidade de culturas. Assim, elas necessariamente se interagem e se influenciam. Como tal, elas são um dos alvos favoritos dos xenófobos e racistas. Por um lado, há pessoas que não poupam tempo ou esforços para provar que a coexistência de culturas distintas é impossível — a guerra e a destruição da antiga Iugoslávia é um bom exemplo (cf. também Geertz 1993). Por outro lado, analistas culturais como Slavoj Zizek apontam para o fato de que pessoas Balcânicas começaram restabelecendo o que era esperado deles (já que era “esperado” que odiassem uns aos outros, eles assim o fizeram!). Neste contexto, o *multiculturalismo* é percebido como uma ameaça para uma já estabelecida ordem mundial, onde há uma distinção aguçada e clara entre “nós mesmos” (nossa cultura, tradição, valores de vida e tudo o que isto engloba) e “outros” (como tudo o que é estrangeiro, que poderia potencialmente contaminar “nossa” cultura, tradição, valores de vida e tudo o que está relacionado a isto).

O *multiculturalismo*, definitivamente, não é algo novo. Já existia bem antes da expansão de poderes ocidentais do século XVI. Certamente já existia há dois mil anos atrás no Mediterrâneo, quando era normal para todo comerciante (especialmente no Levant) falar quatro ou cinco idiomas diferentes. O choque e o horror como reação contra “outros” são fenômenos relativamente recentes.

Claro que há um sentido no qual o processo de *globalização* é visto como algo oposto ao *multiculturalismo*. Todos nós moramos em um mundo que está sendo cada vez mais conectado e re-conectado através da mídia, assim como através de novas formas de comunicação interativa, como a Internet.

Assim, nós não estamos exatamente na posição na qual Adolf Bastian em 1881 fez o seguinte comentário:

Para nós, as sociedades primitivas (*Naturvölker*) são efêmeras, isto é, como elas são consideradas pelo nosso conhecimento e nossas relações, de fato, elas não significam nada para nós. E, quando se tornam conhecidas, estão condenadas. (citado em Fabian 1991:194)

A imagem de outros mundos está sendo constantemente distorcida e remodelada, baseada em suposições da mídia Ocidental, e apresentada principalmente através dela. No mundo globalizado, estas imagens distorcidas refletem, até mesmo o que elas eram. Para algumas pessoas, principalmente os defensores de várias opiniões racistas ou visões xenofóbicas, isto é uma ameaça, e é dessa forma, também, que muitos políticos de direita vêem isso. Na verdade, eles também temem o modo pelo qual novas corporações globais vêem os seus países de origem; como simplesmente outra área (ou espaço) a ser colonizado. Em um mundo de corporações multinacionais, até mesmo os cidadãos dos países altamente industrializados são tratados como alguns sujeitos do “Terceiro Mundo”. Uma nova classe (“classe virtual” — veja Kroker e Kroker 1995) está emergindo.

Porém, estes processos também estão abrindo muitas áreas novas. Até mesmo em um “espaço colonizado”, há uma diferença entre as pessoas que vêem nisso algumas possibilidades e os que lamentam sobre todos os males desta “nova colonização”. Nesse sentido, eu vejo os novos processos de globalização como um modo de enriquecer nossas próprias culturas e como uma parte do processo benévolo que já está a caminho. Parar nesta fase, não é só impraticável, como também altamente inverossímil. Novas realidades e novas formas de percepção estão sendo trazidas para nossas casas pela nova tecnologia de informação, que está se tornando cada vez mais uma parte de nosso cotidiano.

É interessante que pessoas de ambos os polos do espectro político percebam o multiculturalismo como uma ameaça. Por um lado, ele é visto como um modo de perder a própria identidade (com a suposição subjacente que pode haver uma identidade cultural “pura” ou “original”), enquanto por outro lado, é visto como a construção de uma “falsa consciência”, desviando os oprimidos da sua luta pela libertação. Também é um pouco impressionante ver como “os teóricos de esquerda” como Zizek e Wilson começam com premissas diferentes, mas chegam a conclusões semelhantes aos políticos de extrema direita como Patrick Buchanan, nos EUA, ou Jean-Marie Le Pen, na França. O que estes tipos de crítica têm em comum é que tentam reconciliar a dicotomia entre o universalismo e o particularismo. Teóricos como Ernesto Laclau ou Etienne Balibar mostram que isto não é possível. No nível prático, críticos do multiculturalismo falham ao perceber que ser a favor — ou contra — o multiculturalismo não é mais uma opção, do mesmo modo que alguns eurofóbicos britânicos proeminentes que se recusam a perceber que a Inglaterra é a parte da Europa. Os processos de globalização envolveram tão completamente o mundo, que, agora, todos nós habitamos uma aldeia global de fato. Ou talvez seja melhor dizer: um mercado global.

Do Mercado Global ao Fim da História

No mercado global, as regras básicas são as de oferta e demanda. Claro que a demanda tem que ser construída primeiro, de forma que a oferta possa ser modificada adequadamente. A construção mais óbvia que ocorreu nos últimos anos foi a área de comunicação e informação. Os *moguls* das novas tecnologias de informação fizeram de tudo para convencer as pessoas ao redor do mundo que o que elas realmente precisavam era mais informação — não qualquer informação, mas a cuidadosamente selecionada e filtrada. Com a fusão de grandes companhias de informação, a busca para um espaço de informação unificado fica mais óbvia. Com o espaço de informação unificado, o sonho de toda a corporação multinacional — um

cliente unificado e ideal — está perto de sua realização. Um cliente unificado não necessitaria de estratégias de *marketing* diferentes, até mesmo menos esforço (e a custos baixos!) produziria benefícios significativos. Este é o programa de trabalho principal, que, por exemplo, a Microsoft defende para o seu próprio Internet Explorer como parte integrante de todos os programas que usam o sistema Windows 98. Claro que este programa não pode ser removido do sistema — assim se você não gosta dele— problema seu. Este também é o programa de trabalho de Bill Gates, quer dizer a Microsoft, para lançar seus próprios satélites, permitindo que os programas alcancem até mesmo as partes mais remotas do nosso planeta. Bill Gates é um bom exemplo do “ego predador” do *pan-capitalismo* contemporâneo, o desejo de construir tudo, absorver a todos; e então fazer com que as pessoas comprem o seu produto, não porque esse produto será melhor, mais porque este será o único produto disponível no mercado.

Este mercado global é incompatível com limites e obstáculos do comércio. Em vez do “fim da história” proclamado depois da queda do muro de Berlim, parece que nós estamos de fato rumo ao “fim da geografia”— pelo menos como nós a conhecemos. No nível prático, como mencionei, corporações globais tendem a tratar os consumidores independentemente da nacionalidade ou aliança cultural. Apagar as fronteiras caminha lado a lado com a construção de novos limites e rumos — como o que qualquer cidadão de um país de “Terceiro Mundo” ainda sabe muito bem — União Européia experimenta através do processo freqüentemente árduo e humilhante de conseguir um visto. Aqui é onde nossos processos de integração alcançam outro ponto interessante: “Não é você que queremos”, explica o capital internacional através de seus representantes, “queremos que você compre nossos produtos, queremos seu dinheiro.”

É claro que, toda tentativa de universalização traz consigo as sementes de sua própria destruição. Da mesma maneira que todos os grandes impérios na história humana caíram quando se tornaram muito grandes, é fácil ver como a busca pela globalização em todas as esferas da vida poderia virar contra a própria globalização. Alguns elementos já podem ser vistos na emergência de um novo fundamentalismo, que é violentamente anti-tecnológico e anti-multicultural. Este fundamentalismo ganha enorme força do fato óbvio (já mencionado) de que, em muitos casos, (e em número crescente de países!) quanto mais inovação tecnológica mais sofrimento econômico e tumulto social. Esse fundamentalismo também considera, em uma de suas primeiras premissas, que a tecnologia por si só é ruim — uma atitude tecnofóbica que tem sido uma longa história nas ciências sociais — de Ferdinand Tönnies, Oswald Spengler e Pitrim Sorokin.

Quando discutimos a oposição entre as atitudes dos utópicos da tecnologia e os não-utópicos, o Critical Art Ensemble observa que:

Futurologistas de corporações fazem elogios à administração de informação computadorizada, comunicações de satélite, biotecnologia e cibernética. Eles nos asseguram que tais milagres da tecnologia tornarão a vida mais fácil, quando novas gerações de tecnologia serão projetadas e produzidas para satisfazer necessidades sociais e econômicas com maior eficiência. Por outro lado, as preocupações dos pessimistas, retrocessores e tecnofóbicos surgirão advertindo que não será a humanidade que controlará as máquinas, mas serão as máquinas que controlarão a humanidade. Em momentos mais fantásticos (geralmente filmes de Hollywood), a nova distopia é pressentida como um mundo onde as pessoas

presas pelas garras malélicas de uma máquina inteligente e consciente obriga qualquer um a ser escravo, ou até pior, aniquila a raça humana.

Para os distópicos, a tecnologia representa um aparato estatal que está fora do controle — a máquina de guerra foi ligada, ninguém sabe como desligá-la, e ela está correndo cegamente para a destruição da humanidade. (CAE 1997: 308)

Estes novos processos possibilitaram o aparecimento de novas redes de informações que permitem a comunicação interativa — como a Internet. Embora quase noventa e cinco por cento de todo o conteúdo da rede seja comercial, esse meio também permite uma liberdade de expressão sem precedentes. O aspecto mais importante é que pela primeira vez, vários grupos marginais (os homossexuais, lésbicas, minorias étnicas, mulheres, etc.) podem se expressar e apresentar as suas opiniões para um público mais amplo. Os Americanos, particularmente, tiveram êxito nisto, mas talvez, o exemplo mais marcante está relacionado à rebelião dos índios Tzotzil Maya — mais conhecidos como os *Zapatistas*² — nas florestas Chiapas que começou em 1º de janeiro de 1994. O governo mexicano tratou os índios rebeldes e camponeses como simples bandidos, até quando, como testemunhado por um funcionário do governo, os *Zapatistas* montaram a sua própria página na Rede. De repente, seus pontos de vista poderiam ser lidos por milhões de pessoas ao redor do mundo. Embora eles permanecessem marginais militar e politicamente, foram convidados a entrar em negociações com o governo mexicano.

Este é um exemplo do poder atual da Rede. É claro, que uma das tarefas mais importantes de qualquer globalização e unificação de forças é tentar limitar as vozes ou opiniões alternativas — assim, há pouco anos houve várias tentativas de instituir censura na Rede. Claro que todas as formas de comunicação (e isto inclui a comunicação eletrônica) podem ser monitoradas (e provavelmente estão sendo) — através de várias agências governamentais legais ou semi-legais. Porém, a rapidez do crescimento da Rede e a quantidade de informação que circula a todo o momento, torna a tarefa praticamente impossível. Isto é um pesadelo para qualquer sistema político baseado no controle central e autoridade — e um paraíso em potencial para anarquistas.

A partir da suposição de que o “comércio na Internet pudesse alcançar dúzias de bilhões de dólares até o final do século” (Cassen 1997), representantes dos países mais desenvolvidos estão tentando, de maneira sistemática, limitar o acesso, ou pelo menos, aumentar o controle governamental sobre quem tem acesso a rede e quando. Na tentativa mais séria de instruir uma censura global, representantes dos 29 países europeus decidiram, no dia 8 de julho de 1997 em Bonn na Alemanha, que a Internet é apenas outra forma de mercado, por isso, todas as leis de mercado devem ser aplicadas a ela. Em termos legais: uma luz verde para o aumento da comercialização, e acesso ilimitado para os usuários que não podem pagar todos os serviços oferecidos. Isto também inibiria seriamente transferência de informação, mas esta é justamente a intenção. A informação é a chave do poder no mundo contemporâneo, assim quem tem controle absoluto sobre a informação, teria o Poder

² De maneira bastante interessante, este nome os conecta (fornecendo um tipo de identidade legendária) com um dos líderes do revolucionário mexicano nos anos 10, Emiliano Zapata. Zapata não era maia, mas o nome dele provém de uma metáfora poderosa com que muitas pessoas normais podem se identificar.

Absoluto.

Porém, como colocou o teórico britânico Richard Barbrook:

Ao contrário das previsões dos pessimistas, é possível ganhar a luta contra a censura política e econômica do espaço cibernético. Embora o estado possa — e deva— processar a pequena minoria de pedófilos e fascistas, os recursos necessários para espionar os e-mails de alguém e os endereços eletrônicos locais farão a imposição do puritanismo moral muito difícil de ser imposto (...) A natureza social da hipermídia é a melhor defesa do direito individual de liberdade e expressão.

(Barbrook 1995)

Isto é, devo acrescentar, uma perspectiva otimista. Os pessimistas têm muito a dizer sobre as mesmas coisas, começando com exemplos concretos (recentes correias nas páginas de pedófilos na Europa Ocidental, a introdução de leis extremamente anti-individuais no Reino Unido, OTAN que bombardeia a Iugoslávia se opondo diretamente a vários artigos de seu próprio Capítulo [artigos 1, 5, e 9]), e prosseguem com assuntos de fabricação política e estratégias a longo prazo para o desenvolvimento da tecnologia. Afinal de contas, como se pode ter uma visão otimista sobre algo (a Internet) que foi originalmente concebido e projetado para propósitos militares (ARPANET) ?

Conclusão: em Direção a uma Identidade Global?

Permanece obscuro como as novas tecnologias digitais moldam a existência ou a criação de novas identidades. Eu considero qualquer identidade como uma construção — dependendo do contexto real e dos programas de trabalhos dos participantes da comunicação. Diferente da visão francesa, que vê a identidade como algo que existe (embora de formas diferentes em cada pessoa) de modo que todos possam escolher sua própria identidade baseada em uma situação particular. A identidade como uma construção é algo bastante arbitrário — e este é o caso específico das “identidades nacionais”. A expansão de novas tecnologias de informação torna muitas das instituições da nação-estado tradicionais obsoletas. A situação é um tanto ambígua já que parece que não há nenhuma fronteira real no ciberespaço. Por outro lado, há ainda muitas fronteiras reais sobre quem tem acessos à elas — até agora, principalmente cidadãos dos países mais desenvolvidos, a maioria composta de homens — ciberfeministas e grupos como o *VNS Matrix* foram importantes para salientar este fato. De certa forma, o espaço cibernético e tudo o que ele traz fornece à mesma noção de realidade, um significado ambivalente. Alternativamente, está ficando cada vez mais obscuro saber se este conceito pode ser usado ou não. Paul Virilio menciona o fato de que a tecnologia de informação contemporânea nos permite ver, ouvir e falar à distância — talvez logo possamos sentir à distância. Isto conduz à uma nova realidade que Virilio chama de *tele-realidade*. Ao mesmo tempo, a grande velocidade da expansão e do consumo está ficando mais importante — isto é comparável à velocidade que nos permite deixar o campo gravitacional da Terra. A velocidade das novas tecnologias de informação nos permite deixar as barreiras do mundo como nós conhecemos. Em um dos seus mais recentes artigos, Virilio também aponta para os perigos relacionados ao uso crescente de câmeras e equipamento de vigilância óptica — conduzindo a algo bem parecido a

um *panopticon* (Virilio 1998).

É difícil dizer se identidades particulares são ou se tornarão uma pequena parte submetida à identidade global, ou se alguma mega-identidade emergente as englobará em pouco tempo. Enquanto o impulso no sentido da centralização possa conduzir uma instituição para alguma globalização hipotética ou entidade universal, parece existir um grande número de forças marginais de desestabilização que tornam este projeto impossível. Isto é bom, já que a proliferação de idéias e atitudes pode melhorar nossas habilidades para compreender a natureza e o impacto de mudanças que estão acontecendo, e as direções para onde eles poderiam nos conduzir no futuro. Seguindo a linha de Bataille, eu gostaria de sugerir que por si só, a tecnologia não é boa nem ruim — ela simplesmente *existe*. Tudo depende de como nós a usamos e a manipulamos. Recentes desenvolvimentos mostram que os humanos tem a capacidade (e ânsia) de usar a tecnologia para destruir (de fato, até recentemente, quase 70 por cento de toda a pesquisa científica era feita diretamente com propósitos militares, ou patrocinadas pelo exército). Por outro lado, recentes desenvolvimentos tem também permitido, finalmente, que grupos marginalizados expressem suas preocupações e opiniões — e sabendo que suas vozes serão ouvidas. Esta situação fornece numerosos desafios e possibilidades — mas é impossível predizer como as coisa se desenvolverão no futuro imediato. O certo é que o processo de globalização tem alterado de forma permanente nosso planeta — e que nós só temos a ganhar com o entendimento destes processos. Sem nenhum custo.

Bibliografia

Asad, Talal

1979 Anthropology and the analysis of ideology. *Man* (N.S.) 14: 607-627.

Barbrook, Richard

1995 Global Algorithm 1.5: Hypermedia Freedom. *CTHEORY*.
(www.ctheory.com/gal.1-hyper_freedom.html)

Carroll, Lewis

1992 [1865] *Alice's Adventures in Wonderland*. In: *Alice in Wonderland*, pp. 1-103.

Wordsworth Classics, Ware. [*Alice no País das Maravilhas*, tradução de Rosaura Eichenberg, Porto Alegre: L & PM, 1998.]

Cassen, Bernard

1997 Adieu au rêve libertaire d'Internet? [*Le Monde Diplomatique*, August 1997.]
(www.monde-diplomatique.fr/1997/08/CASSEN/8961.html)

Critical Art Ensemble

1996 Posthuman Development in the Age of Pancapitalism. VIPER Lecture.
(www.t0.or.at/cae/psthuman.html)

1997 The Technology of Uselessness. In: Arthur and Marylouise Kroker (editors), *Digital Delirium*, pp. 306-314, New World Perspectives, Montréal.

Fabian, Johannes

1991 *Time and the Work of Anthropology: Critical Essays, 1971-1991*. Chur and Philadelphia: Harwood Academic Publishers.

Geertz, Clifford

1993 "Ethnic Conflict": Three Alternative Terms. *Common Knowledge* 2(3): 54-65.

Kroker, Arthur, and Marylouise

1995 Code Warriors. *CTHEORY*. (www.ctheory.com/a36-code_warriors.html)

1999 Fast War/Slow Motion. *CTHEORY*. (www.ctheory.com/e76.html)

Lyotard, Jean-François

1983 [1982] Answering the question: What is postmodernism? In: Ihab Hassan (ed.), *Innovation/Renovation*, University of Wisconsin Press, Madison. Translated by Régis Durand. [Originally published in *Critique* No. 419, 1982.]

Ramonet, Ignacio

1995 The One Idea System. Translated by Patrice Riemens. *CTHEORY*. [*Le Monde Diplomatique*, January 1995.] (www.ctheory.com)

1997 La mutation du monde. *Le Monde Diplomatique*, October. (www.monde-diplomatique.fr/md/1997/10/RAMONET/edito.html)

Virilio, Paul

- 1995 *La vitesse de libération*. Éditions Galilée, Paris.
- 1997 Un monde surexposé. *Le Monde Diplomatique*, August. (www.monde-diplomatique.fr/md/1997/08/VIRILIO/8948.html)
- 1998 La règne de la délation optique. *Le Monde Diplomatique*, August. (www.monde-diplomatique.fr/1998/08/VIRILIO/10812.html)

Wilson, Peter Lamborn

- N.d. Against Multiculturalism. (www.t0.or.at/bey10.html)

Zizek, Slavoj

- 1997 Multiculturalism, or, the cultural logic of multinational capitalism. TS. (Publicado em *Arkzin*, Zagreb, N. s., números 3-5.) (www.arkzin.com)
- 1998 *The Spectre is Still Roaming Around: An Introduction to the 150th Anniversary Edition of the Communist Manifesto*. Bastard Books/B9, Arkzin, Zagreb.

SÉRIE ANTROPOLOGIA
Últimos títulos publicados

279. TRAJANO FILHO, Wilson. Outros Rumores de Identidade na Guiné-Bissau. 2000.
280. CARVALHO, José Jorge de. As Tecnologias de Segurança e a Expansão Metonímica da Violência. 2000.
281. RAMOS, Alcida Rita. The Commodification of the Indian. 2000.
282. BAINES, Stephen Grant. Estilos de Etnologia Indígena no Brasil e no Canadá. 2000.
283. PEIRANO, Mariza G.S. (Org. e Introdução). Análise de Rituais. Textos de: Antonádia M. Borges, Cinthia M.R. Oliveira, Cristhian Teófilo da Silva, Francisco C.O. Reis, Kelly Cristiane da Silva e Lea Tomass. 2000.
284. MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em Confronto: Relações de Gênero ou Patriarcado?. 2000.
285. CARVALHO, José Jorge de. A Religião como Sistema Simbólico. Uma Atualização Teórica. 2000.
286. MACHADO, Lia Zanotta. Sexo, Estupro e Purificação. 2000.
287. BOSKOVIC, Aleksandar. The “Intersubjective Turn” in Contemporary Anthropology. 2000.
288. BOSKOVIC, Aleksandar. O Mal-Estar na Globalização. 2000.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia
Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Brasília
70910-900 – Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368
Fone/Fax: (061) 273-3264/307-3006